

# O apoio popular

30 OUT 1986

por Getúlio Bittencourt  
de Brasília

Quem tem apoio popular consegue apoio político. O presidente José Sarney repete esse raciocínio simples e direto sempre que lhe perguntam se ele espera ter problemas políticos pela frente. Seu instinto político lhe diz que ele jamais será emparedado por quem quer que seja, enquanto seu prestígio popular for tão elevado como é.

É basicamente por isso que as previsões de uma avalanche eleitoral de seu partido, o PMDB, nas eleições do dia 15 não o perturbam. Nem a possível altivez do presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que teria recuperado do fundo da memória a frase que diria ao presidente da República se tivesse havido uma avalanche assim no ano passado: "E agora, José?".

Sarney tem reiterado a sua impressão de que Ulysses Guimarães é um homem sério, sempre preocupado com o fortalecimento do PMDB, mas sobretudo

com o fortalecimento do regime democrático no Brasil. Ambos sabem que não existe vazão de poder. O eventual esvaziamento da Presidência da República poderia ser substituído por algo pior.

Quando o presidente raciocina sobre partidos políticos, com base em sua experiência prática e em cerca de uma centena de títulos de sua biblioteca privada, ele sempre nota que o sistema partidário brasileiro ainda é muito frágil. Infelizmente ainda não se pode sustentar só nele uma real estrutura de poder.

Quer dizer, portanto, que na teoria como na prática o poder não emana dos partidos, mas do povo. O presidente não espera nenhum conflito de poder com seu próprio partido. Sabe-se que no máximo ele espera que ao fim de seu mandato os partidos políticos sejam mais sólidos do que eram quando começou.

As previsões correntes de que o PMDB poderia insurgir-se contra ele são recebidas pelo presidente

com um sorriso incrédulo. E seu argumento para refutá-las não parece ingênuo, mas real: parte da vitória eventualmente esmagadora do PMDB será devida aos êxitos do austero governo de José Sarney.

O raciocínio presidencial é sólido mesmo quando aplicado à eleição mais importante do dia 15, a que se trava em São Paulo, sobretudo entre dois aliados potenciais de Sarney: um aliado formal, o candidato do PMDB, Orestes Quércia, e outro informal, o candidato do PTB, Antônio Ermírio de Moraes.

Mesmo em seus diálogos mais descontraídos, o presidente não manifesta uma clara preferência por um ou por outro. Ele parece ter aprendido a admirar a implacável persistência de Quércia ao longo dessa campanha desgastante pelo Palácio dos Bandeirantes. E sempre esteve convencido de que esse grande capitão de indústria que é Antônio Ermírio poderia trazer uma contribuição política importante para o País.

Mas a suspeita de que ele secretamente temesse a ascensão de Quércia e de sua legião de prefeitos, na hipótese de conquista do poder estadual, seria infundada. O presidente descarta temores com os pés firmes sobre a terra. Por um lado, nota que haverá eleições para prefeito no ano que vem, e que não há nada como uma eleição depois da outra para mudar perspectivas. E por outro, pondera sempre que não se pode fugir da realidade.

O presidente José Sarney disse ontem a um grupo de jornalistas alemães que o

entrevistaram no Palácio do Planalto que "o prestígio à iniciativa privada e à liberdade econômica é fórmula do meu governo." Sarney disse ainda ao grupo de jornalistas que "nenhum presidente nos últimos anos tem sido tão enfático em favor da iniciativa privada e na tese de que a liberdade econômica é fundamental para a liberdade política".

Sarney disse ainda que a atual legislação brasileira sobre a entrada de capitais estrangeiros "é satisfatória tanto para os empresários estrangeiros como para os nacionais. Nós queremos mantê-la", disse Sarney, atribuindo a queda de investimentos estrangeiros à recessão anterior.

(Ver página 8)